

O PROGRESSO ESPIRITUAL EM MARIA¹

Réginald Garrigou-Lagrange, OP²

O progresso espiritual consiste, primordialmente, no referente à caridade, que inspira e anima as outras virtudes e torna seus atos meritórios, de tal forma que todas as demais virtudes infusas, estando em conexão com ela, desenvolvem-se proporcionalmente, como os cinco dedos da mão de uma criança crescem juntos, segundo a expressão de São Tomás.³

Assim, é conveniente examinar como a caridade, em Maria, se desenvolveu constantemente nesta terra e qual foi o ritmo desse progresso.

O método que seguimos nos leva a insistir sobre os princípios, para lembrar sua certeza e elevação, a fim de em seguida aplicá-los com segurança à vida espiritual da Mãe de Deus.

A aceleração desse progresso na Santíssima Virgem

Por que a caridade cresceu incessantemente n'Ela, até o momento da morte?

Primeiro, porque é conforme à própria natureza da caridade em seu caminho rumo à eternidade, bem como conforme ao preceito supremo: “Amarás ao Senhor [Iahweh], teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”,⁴ segundo a gradação ascendente expressa em Deuteronomio 6, 5 e em São Lucas 10, 27. Segundo esse preceito, que domina todos os demais, bem como todos os conselhos, todos os cristãos, cada qual segundo a sua condição, *devem tender* à perfeição da caridade e conseqüentemente das outras virtudes, seja no estado matrimonial, seja no estado religioso ou na vida

1) Publicado originalmente em francês pela revista *La vie spirituelle*, n. 255, julho de 1941, p. 16-30. Tradução e adaptação por Antonio Jakoš Ilija, EP.

2) Renomado teólogo dominicano (1877-1964), foi um dos maiores tomistas do século XX, além de um dos mais longevos (entre 1909-1960) professores da Pontifícia Universidade S. Tomás de Aquino (*Angelicum*), Roma. Suas numerosas obras perfazem uma grande variedade de áreas, como a filosofia, a mística, a teologia dogmática, além da mariologia, como é o caso do presente artigo, bem como textos polêmicos contra o Modernismo.

3) *S. Th.*, I-II, q. 65 et q. 66, a. 2.

4) N. do T.: Utiliza-se a tradução portuguesa da *Bíblia de Jerusalém* (2002) para as citações bíblicas do artigo.

sacerdotal.⁵ Nem todos são obrigados à prática dos três conselhos,⁶ mas devem aspirar a ter o espírito dos conselhos, ou seja, o espírito de desapego dos bens terrenos e de si mesmo, para que cresça em nós o vínculo com Deus.

Somente em Nosso Senhor não existe aumento ou progresso na graça e na caridade, porque Ele as recebeu em plenitude absoluta desde o instante de sua concepção, como consequência da união hipostática. Isso a tal ponto que o II Concílio de Constantinopla afirma que “*Jesus não Se tornou melhor pelo progresso nas boas obras*”,⁷ apesar de ter cumprido sucessivamente os atos de virtude correspondentes às diferentes fases da vida.

Maria, pelo contrário, *sempre Se aperfeiçoou no decurso de sua vida terrena*. Mais ainda, houve no seu progresso espiritual uma *aceleração* maravilhosa, segundo um princípio formulado por São Tomás, a propósito do que diz a Epístola aos Hebreus (10, 25): “Procuremos, antes, animar-nos sempre mais, à medida que vedes o Dia se aproximar”. O Doutor Angélico escreve seus comentários sobre este trecho da Epístola: “Alguém poderia perguntar: por que então devemos progredir sempre mais na fé e no amor? Porque *o movimento natural* (ou conatural) *se faz gradualmente mais rápido, à medida que se aproxima de seu termo* (o fim que o atrai). Acontece o contrário com o movimento violento. (De fato, hoje em dia dizemos: a queda dos corpos é uniformemente acelerada, ao passo que o movimento inverso de uma pedra lançada ao ar verticalmente é uniformemente retardado). Ora — continua São Tomás —, *a graça aperfeiçoa e inclina ao bem da mesma forma que a natureza* (ou seja, como uma segunda natureza); disto se segue que *aqueles que estão em estado de graça, devem crescer na caridade à medida que se aproximam do seu fim último* (e são atraídos com maior força por ele). É isso que está escrito na Epístola aos Hebreus (10, 25): ‘*Não deixemos nossas assembleias... procuremos, antes, animar-nos sempre mais, à medida que vedes o Dia se aproximar*’, isto é, o termo da viagem. Num outro lugar está escrito: “*A noite avançou e o dia se aproxima*” (Rm 13, 12). “*A senda dos justos brilha como a aurora, e vai alumando até que se faça o dia*” (Pr 4, 18)”⁸

5) *S. Th.*, I-II, q. 184, a. 3.

6) N. do T.: Três conselhos evangélicos: obediência, pobreza e castidade.

7) Cf. II CONCIL. CONSTANT. (Denz, 224: “Si quis defendit [...] Christum [...] ex profectu operum melioratum [...] A. S.”).

8) Cf. THOMAS DE AQUINO. *Ep. ad Hebr.*, X, 25: “Motus naturalis quanto plus accedit ad terminum magis intenditur. Contrarium est de (motu) violento. Gratia autem inclinatur in modum naturae. Ergo qui sunt in gratia, quanto plus accedunt ad finem, plus crescere debent”. Cf. etiam: Idem. *In De caelo*, VIII, lect. 17: “Terra, (vel corpus grave) velocius movetur quanto magis descendit”; *S. Th.*, II-II, q. 35, a. 6: “Om-

São Tomás fez esse comentário profundo de uma forma muito simples, antes do descobrimento da lei da gravidade universal, quando a *aceleração* da queda dos corpos era conhecida de forma muito imperfeita, sem ter sido medida. Ele logo percebeu o simbolismo da aceleração do progresso do amor a Deus nas almas dos santos, que sobem rumo ao sol dos espíritos e fonte de todo bem.

O Santo Doutor quer dizer que, para os santos, a intensidade de sua vida espiritual *acentua-se* mais e mais; eles se dirigem a Deus *mais rapidamente e com maior generosidade* à medida que mais se aproximam d’Ele, sendo por Ele atraídos com maior força. Tal é, na ordem espiritual, a lei da atração universal. Como os corpos se atraem em proporção direta à sua massa, e em proporção inversa ao quadrado da distância que os separa, ou seja, com maior intensidade à medida que se aproximam, assim as almas justas são atraídas por Deus mais intensamente conforme d’Ele se aproximam.

Por essa razão, a trajetória do movimento espiritual das almas dos santos se eleva até o zênite e não desce mais; para eles, não existe crepúsculo; apenas o corpo e as faculdades sensíveis se debilitam com a velhice. Na vida dos santos, o progresso do amor é até, evidentemente, muito mais rápido durante seus últimos anos de vida que nos primeiros. Eles não progridem espiritualmente ao mesmo passo, mas num passo acelerado, apesar dos achaques da ancianidade; “e, como a da águia, tua juventude se renova” (SI 102, 5).

Esse progresso sempre mais rápido deu-se sobretudo na vida terrena da Santíssima Virgem, pois n’Ela não se encontrou nenhum obstáculo, nenhuma parada ou retardo, Ela nunca se detinha nas coisas deste mundo ou em Si mesma. E esse progresso espiritual em Maria era tanto mais intenso quanto maior foi a velocidade inicial, ou a graça primeira. Assim, houve em Maria — sobretudo se Ela manteve, como é provável, o uso da liberdade e a capacidade de adquirir méritos durante o sono, em virtude da ciência infusa — uma aceleração maravilhosa no amor a Deus, aceleração da qual a aceleração da gravidade dos corpos é uma pálida imagem.

A física moderna ensina que se a velocidade da queda de um corpo no primeiro segundo é 20, no segundo será 40, no terceiro será 60, no quarto será 80 e no quinto será 100. É o movimento *uniformemente acelerado*, símbolo do progresso espiritual da caridade numa alma, que nada consegue retardar e que vai em direção a Deus com maior velocidade conforme chega mais próximo d’Ela.

nis motus naturalis intensior est in fine, cum appropinquat ad terminum suae naturae convenientem, quam in principio... quasi natura magis tendat in id quod est sibi conveniens, quam fugiat id quod est sibi repugnans”.

Assim, nessa alma, cada comunhão espiritual ou sacramental é, normalmente, de um fervor de vontade maior que a precedente e, por isso, mais frutífera.

Pelo contrário, o movimento de uma pedra jogada ao ar verticalmente, sendo *uniformemente retardado*, até que ela torna a cair, simboliza o progresso de uma alma tibia, sobretudo se, por um apego progressivo ao pecado venial, suas comunhões são cada vez menos fervorosas ou feitas com uma devoção substancial de vontade que diminui cotidianamente.

Esses princípios nos mostram o que deve ter sido o progresso espiritual em Maria, desde o instante da Imaculada Conceição, sobretudo se Ela teve, como é provável, o uso ininterrupto do livre-arbítrio desde o seio materno.⁹ Além do mais, parece fora de dúvida que a plenitude inicial de graça n'Ela ultrapassava a graça final de todos os santos reunidos. A aceleração dessa marcha ascendente rumo a Deus ultrapassa, portanto, tudo o que podemos descrever.¹⁰

Nada podia diminuir seu impulso, pois Ela não padecia as consequências do pecado original, nem cometera nenhum pecado venial, nenhuma negligência ou distração, nem qualquer imperfeição. Maria nunca esteve menos disposta a seguir uma inspiração dada à maneira de conselho. É como uma alma que, tendo feito o voto de perfeição, permanecesse plenamente fiel a ele.

Sant'Ana devia ficar tocada com a singular perfeição de sua santa Filha; mas não podia suspeitar que Ela fosse imaculada desde a concepção, nem que era chamada a ser Mãe de Deus. Sua Filha era muito mais amada por Deus do que ela imaginava. Guardando as devidas proporções, cada justo é amado por Deus

9) É a opinião, como foi dito, de São Bernardino de Sena, de Suárez, de Contenson, do Pe. Terrien e sobretudo de São Francisco de Sales, que diz: "Quanto mais aparência há, porém, de que a mãe do verdadeiro Salomão tenha tido no seu sono o uso da razão" (*Tratado do Amor de Deus*, l. III, c. 8), a propósito das palavras do Cântico dos Cânticos: "Durmo, mas vigia meu coração".

10) É preciso entender bem o que significa a expressão "ultrapassava tudo o que podemos descrever". Sem dúvida, a graça presente em Maria é finita ou limitada, e seria um exagero inadmissível atribuir-lhe uma perfeição que pertence somente a Nosso Senhor. Nesse sentido, sabemos que n'Ela o progresso espiritual não pode ir além de certos limites; sabemos o que Maria não pode fazer, o que é negativo; mas não sabemos positivamente tudo o que Ela o pode, nem o grau preciso de santidade atingido por Ela, nem qual foi seu ponto de partida. Assim, numa outra ordem de coisas, sabemos negativamente o que as forças da natureza não podem produzir: elas não podem ser a causa da ressurreição de um morto, nem dos efeitos próprios da ação de Deus, mas não sabemos positivamente até onde as forças da natureza podem chegar, e continuamente se descobrem forças desconhecidas como as do elemento rádio, que produz efeitos inesperados.

Igualmente, não podemos saber positivamente tudo o que os Anjos são capazes de fazer pelas suas forças naturais, sobretudo os mais elevados; porém, é certo que o menor grau de graça santificante ultrapassa todas as naturezas criadas, incluindo a natureza angélica e suas forças naturais. Para conhecer plenamente o valor do menor grau de graça, gérmen da glória, seria preciso ter gozado um instante da visão beatífica; com maior razão ainda para conhecer plenamente o valor da plenitude inicial da graça em Maria.

muito mais do que pensa; para sabê-lo, seria preciso conhecer plenamente o valor da graça santificante, gérmen da glória, e para conhecer todo o valor desse gérmen espiritual seria preciso ter gozado por um instante a bem-aventurança celeste, tal como para conhecer o valor do gérmen contido numa semente é preciso ter contemplado um carvalho plenamente desenvolvido, que normalmente é oriundo de um gérmen muito pequeno. As grandes coisas amiúde estão contidas numa semente quase imperceptível, como o grão de mostarda, ou como um rio imenso é proveniente de um pequeno riacho.

O progresso espiritual em Maria pelo mérito da oração

A caridade, portanto, devia aumentar incessantemente na Santíssima Virgem, segundo o preceito supremo do amor. Mas, como aumentou? Pelo mérito, a oração e uma comunhão espiritual com Deus, presente na alma de Maria desde o início de sua existência.

É preciso lembrar que a caridade não aumenta precisamente em extensão, pois no seu grau ínfimo já ama a Deus acima de tudo com um amor afetivo, e ao próximo como a si mesmo, sem exclusão de ninguém, embora a dedicação se amplie em seguida progressivamente. É sobretudo *em intensidade* que a caridade aumenta, enraizando-se sempre mais na nossa vontade ou, se prescindirmos de metáforas, determinando a vontade a se distanciar progressivamente do que é mau e inclusive menos bom, e a se voltar generosamente rumo a Deus. É um aumento de grau, não quantitativo, como se fosse uma pilha de trigo; é qualitativo, como o calor que se faz mais intenso, ou quando a ciência, sem se deter em novas conclusões, fica mais penetrante, mais profunda, mais unificada, mais certa. Assim, a caridade tende a amar mais perfeita, pura e fortemente a Deus acima de tudo, e ao próximo como a nós mesmos, para todos glorificarmos a Deus no tempo e na eternidade. O objeto e o motivo formal da caridade, como o das outras virtudes, é então colocado progressivamente em relevo, acima de todo motivo secundário ou acessório ao qual, num primeiro momento, se prestava mais atenção. No começo, se ama a Deus pelos bens recebidos e esperados, e não suficientemente por Ele mesmo; depois, se considera mais o Benfeitor, muito melhor em Si mesmo do que todos os bens d'Ele derivados, e que merece ser amado por ser quem é, graças à sua infinita bondade.

A caridade aumenta em nós, pois, sob o aspecto da qualidade, como o calor que é sempre mais intenso, e isso de diversas maneiras: pelo mérito, pela ora-

ção, pelos Sacramentos. Com maior razão isso se deu em Maria, e sem qualquer imperfeição.

O ato meritório que procede da caridade ou de uma virtude inspirada por ela dá direito a uma recompensa sobrenatural e, sobretudo, a um aumento da graça habitual da própria caridade. Os atos meritórios não produzem por si mesmos o aumento da caridade, pois ela não é uma virtude adquirida e aumentada pela repetição de atos, mas é uma virtude infusa. Como somente Deus pode produzi-la, sendo uma participação de sua vida íntima, somente Ele pode aumentá-la. Por isso, diz ainda São Paulo: “Eu plantei — pela pregação e pelo Batismo —, Apolo regou, *mas é Deus quem fazia crescer*” (I Cor 3, 6). “Fará crescer os frutos da vossa justiça” (II Cor 9, 10).

Se nossos atos de caridade não podem produzir o aumento dessa virtude infusa, eles concorrem para este aumento de duas maneiras: moralmente, merecendo-a; e fisicamente, na ordem espiritual, dispondo-nos a recebê-la. Pelos seus méritos, a alma tem direito a receber esse aumento que a fará amar seu Deus mais pura e fortemente; e ela se dispõe a receber esse aumento, no sentido de que os atos meritórios aprofundam de certa forma nossas faculdades superiores, dilatando-as para que a vida divina possa penetrá-las melhor, e as elevam, purificando-as.

Em nós, porém, acontece frequentemente que os atos meritórios são imperfeitos, *remissi* — conforme dizem os teólogos —, remitentes (como se diz de um calor remitente, de um fervor remitente), ou seja, inferiores ao grau da virtude da caridade presente em nós.

Tendo uma caridade de três talentos, acontece frequentemente que atuamos como se tivéssemos apenas dois, como um homem bastante inteligente que por negligência aplicasse debilmente a sua inteligência. Esses atos de caridade imperfeitos ou remitentes são ainda meritórios, mas, segundo São Tomás e os teólogos antigos, eles não obtêm *imediatamente* o aumento da caridade que merecem *porque ainda não estão dispostos a recebê-lo*.¹¹ Aquele que, tendo três talentos, opera como se tivesse apenas dois, não se dispõe a receber imediatamente um aumento dessa virtude até os quatro talentos. E não a obterá até fazer um ato mais generoso ou mais intenso dessa virtude ou das outras, inspiradas ou comandadas pela caridade.

Esses princípios ilustram muito o que foi em Maria o progresso espiritual por seus próprios méritos. *N' Ela jamais houve um ato meritório imperfeito ou remitente*, seja uma imperfeição moral ou menor generosidade no serviço de Deus;

11) *S. Th.*, II-II, q. 24, a. 6, ad 1.

e os teólogos, como já vimos, são unânimes em negar n'Ela essa imperfeição. *Logo, seus méritos obtinham imediatamente o aumento da caridade merecida.*

Ademais, para melhor ver o valor dessa generosidade, é preciso lembrar, como é ensinado comumente,¹² que *Deus é mais glorificado por um único ato de caridade de dez talentos, que por dez atos de caridade de um único talento.* Da mesma forma, um único justo muito perfeito agrada mais a Deus que muitos outros reunidos, que ficam na mediocridade ou numa tibieza relativa. A qualidade se impõe sobre a quantidade, sobretudo no campo espiritual.

Os méritos de Maria eram, pois, sempre mais perfeitos; seu coração puríssimo se dilatava, por assim dizer, sempre mais e sua capacidade divina aumentava segundo as palavras do Salmo (118, 32): “Corro no caminho dos teus mandamentos, pois tu alargas o meu coração”.

Embora nos esqueçamos frequentemente que estamos numa viagem rumo à eternidade e procuramos nos instalar nesta vida como se ela durasse para sempre, Maria, entretanto, não cessava de ter o olhar fixo no fim último da viagem, o próprio Deus, e Ela não perdia sequer um minuto de tempo que Lhe era concedido. Cada um dos instantes de sua vida terrena se confundia, pelos méritos acumulados e sempre mais perfeitos, num único instante de imóvel eternidade. Ela via os momentos de sua vida não apenas na linha horizontal do tempo em relação ao futuro terreno, mas na linha vertical que os relacionava sempre ao instante eterno que não passa.

É preciso fazer notar, ademais, que, segundo Santo Tomás, não existe ato deliberado indiferente na realidade concreta da vida; se tal ato é indiferente (quer dizer, nem moralmente bom, nem moralmente mau) pelo seu objeto, como ir passear ou ensinar matemática, esse mesmo ato é moralmente bom ou mau *pela finalidade* para o qual é realizado, pois um ser razoável deve sempre agir por um motivo razoável, para uma finalidade honesta, e não apenas deleitável ou útil.¹³ Por conseguinte, numa pessoa em estado de graça, todo ato deliberado que não seja mau, que não é pecado, é bom; ele é, em consequência, virtualmente ordenado a Deus, fim último do justo, e é, portanto, *meritório*.

“*In habentibus caritatem omnis actus est meritorius vel demeritorius*”.¹⁴ Daqui se deduz que em Maria *todos os atos deliberados eram bons e meritórios*, e no estado de vigília não houve n'Ela ato não deliberado ou puramente

12) Cf. SALMANTICENSIS. *De Caritate*, disp. V, dub. III, § 7, n. 76, 60, 85, 93.

13) Cf. *S. Th.*, I-II, q. 18, a. 9.

14) THOMAS DE AQUINO. *De malo*, a. 5, ad 17.

maquinal que se tivesse produzido independente da direção da inteligência e da influência de sua vontade vivificada pela caridade.¹⁵

É, sobretudo, à luz destes princípios seguros que se devem considerar, os principais momentos da vida terrena de Maria, e, uma vez que estamos falando dos que precederam a Encarnação do Verbo, pensemos em sua apresentação no Templo, ainda menina, e nos atos que ali realizou assistindo às grandes festas, nas quais eram lidas as profecias messiânicas, sobretudo as de Isaías, e que aumentavam sua fé, sua esperança, seu amor a Deus e sua espera pelo Messias prometido. Até que grau Ela já penetraria estas palavras do profeta sobre o futuro Salvador: “Um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz” (Is 9, 5).

A fé viva de Maria menina, já tão elevada, devia ter compreendido a palavra “*Deus-forte*” melhor que o próprio Isaías. Ela já penetrava esta verdade: neste Menino residirá a plenitude das forças divinas, e o Messias será um rei eterno, que não morre e que será sempre o pai do seu povo.¹⁶

A vida da graça não aumenta apenas pelo mérito, mas também *pela oração*, que tem uma força impetratória distinta. É assim que pedimos todos os dias para aumentar o amor a Deus, dizendo: “Pai Nosso, que estais nos Céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino (sempre mais em nós), seja feita a vossa vontade (que vossos preceitos sejam sempre melhor observados por nós)”. Também a Igreja nos faz dizer na Missa: “*Da nobis, Domine, fidei, spei et caritatis augmentum*” — “Aumenta, Senhor, nossa fé, nossa esperança e nossa caridade” (XIII Domingo depois de Pentecostes).

Depois da justificação, o justo pode então obter o crescimento da vida da graça pelo mérito, o qual tem relação com a justiça divina, como o direito a uma recompensa, e pela oração dirigida à misericórdia infinita. E a oração é tanto mais eficaz quanto mais humilde, mais confiante, mais perseverante e voltada não para os bens temporais, mas para o aumento das virtudes, segun-

15) É o que ensina muito apropriadamente o Pe. E. Hugon. *Marie, pleine de Grace*. 5. ed., 1926, p. 77.

16) Ninguém pode afirmar com certeza que Maria, antes da Encarnação, não tenha visto, no sentido literal desse anúncio messiânico de Isaías, “Deus-forte”, a divindade do Messias prometido; a Igreja, iluminada pelo Novo Testamento, vê essa verdade nas mesmas palavras que repete na Missa de Natal; quem ousaria afirmar que Maria não viu isso antes da Encarnação? O Messias é o ungido do Senhor; ora, à luz do Novo Testamento, percebemos que essa unção divina é primeiramente constituída pela graça de união, que não é senão o próprio Verbo, que dá à humanidade de Jesus uma santidade inata, substancial e incriada. Cf. *S. Th.*, III, q. 6, a. 6; q. 22, a. 2, ad 3.

do as palavras: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas”.¹⁷ Assim, o justo, por meio de uma oração fervorosa, ao mesmo tempo impetratória e meritória, obtém frequentemente *de forma imediata mais do que ele merece*, isto é, não apenas o aumento da caridade merecida, mas o que se obtém especialmente pela força impetratória da oração distinta do mérito.¹⁸

No silêncio da noite, uma oração fervorosa, que é ao mesmo tempo uma prece de pedido e um mérito, obtém frequentemente de forma *imediata* um notável aumento da caridade, que por vezes faz experimentar que Deus é imensamente bom; existe ali uma comunhão espiritual que tem o sabor de vida eterna.

Ora, a oração de Maria desde a sua infância não foi somente muito meritória, mas tinha uma força impetratória que não saberíamos avaliar, pois era proporcional à sua humildade, à sua confiança, à perseverança de sua generosidade ininterrupta e sempre progressiva. Desta forma, Ela obtinha constantemente, segundo estes princípios seguros, um amor a Deus sempre mais puro e mais forte.

Obtinha assim as graças atuais eficazes, que não poderiam ser merecidas a não ser por um mérito de condignidade, como o que leva a novos atos meritórios, e como a inspiração especial, que é o princípio, pelos dons, da contemplação infusa.

É o que se dava quando Maria proferia na oração as palavras do Livro da Sabedoria (7, 7-9): “Por isso supliquei, e inteligência me foi dada; invoquei, e o espírito da Sabedoria veio a mim. Eu a preferi aos cetros e tronos, julguei, junto dela, a riqueza como um nada. Não a equiparei à pedra mais preciosa, pois todo o ouro, ao seu lado, é um pouco de areia; junto dela a prata vale quanto o barro”.

Desta forma, o Senhor A alimentava de Si mesmo e Se entregava cada dia mais intimamente a Ela, incentivando-A a Se entregar mais perfeitamente a Ele.

Melhor que ninguém, depois de Jesus, Ela pronunciou estas palavras do Salmo (26, 4): “*Unam petii a Domino hanc requiram, ut inhabitem in domo Domini*” — “Uma só coisa peço ao Senhor e a peço incessantemente: é habitar na

17) N. do T.: Mt 6, 33.

18) É assim que o justo pode obter, pela oração, graças que não seriam merecidas, como a da perseverança final, que não é senão o princípio do mérito, como o estado de graça conservado no momento da morte (cf. I-II, q. 114, a. 9). Igualmente, a graça atual eficaz — a qual preserva do pecado mortal, conserva o estado de graça e o faz aumentar —, não pode ser merecida; mas ela é muitas vezes obtida pela oração. O mesmo se dá ainda com a inspiração especial que constitui o princípio, pelos dons da inteligência e da sabedoria, da contemplação infusa.

casa do Senhor todos os dias de minha vida”. A cada dia Ela via melhor que Deus é infinitamente bom para aqueles que O procuram e, mais ainda, para aqueles que O encontram.

Antes da instituição da Eucaristia, e mesmo antes da Encarnação, Maria também praticou a *comunhão espiritual*, que é a oração muito simples e muito íntima da alma que chega à via unitiva, onde goza de Deus presente nela como em um templo espiritual: “*Gustate et videte quoniam suavis est Dominus*” — “Provai e vede quão suave é o Senhor” (Sl 33, 9).

Se está dito no Salmo (41, 2): “Como a corça bramindo por águas correntes, assim minha alma está bramindo por ti, ó meu Deus! Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo”, qual não deve ter sido essa sede espiritual na Santíssima Virgem, desde o instante de sua Conceição Imaculada até o momento da Encarnação.

Ela também não mereceu a maternidade divina, nem a Encarnação; mas mereceu o grau de santidade e de caridade que era a *disposição próxima* à maternidade divina. Ora, se a disposição remota, que era a plenitude inicial da graça, ultrapassava já a graça final de todos os santos reunidos, o que pensar da perfeição dessa disposição próxima!

Os anos vividos por Maria no Templo ativaram n’Ela o desenvolvimento da “graça, das virtudes e dos dons” em proporções que não podemos imaginar, segundo uma progressão e uma aceleração que ultrapassa de longe a das almas mais generosas e dos maiores santos.

Sem dúvida, seria um exagero atribuir à Santíssima Virgem uma perfeição pertencente somente a seu Filho, mas permanecendo dentro dos justos limites, não podemos fazer ideia da elevação do ponto de partida de seu progresso espiritual, e menos ainda da elevação de seu termo final.

O que acabamos de dizer nos prepara, porém, a perceber em certa medida o que deve ter sido o aumento considerável de graça e de caridade que n’Ela se produziu no momento da Encarnação.